



Finanças corporativas: a realidade do mercado brasileiro com ênfase na captação de recursos

Recebido: 21/11/2025

Aprovado: 19/12/2025

Rafael Amaral Pereira: Mestre em Administração, MUST University, Deerfield Beach, Flórida, Estados Unidos.
E-mail: amaral.rapx@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a realidade do mercado brasileiro de captação de recursos sob a ótica das finanças corporativas, enfatizando os desafios enfrentados por micro, pequenas e médias empresas e servir de referência bibliográfica para novos estudos. A pesquisa foi desenvolvida por meio de metodologia bibliográfica descritiva, abordando conceitos de estrutura de capital, custo de capital, decisões de investimento e a influência do comportamento financeiro na tomada de decisão. Conclui-se que o acesso a financiamento no Brasil é restrito para a maioria das empresas de pequeno porte, tornando o capital próprio e a retenção de lucros as principais fontes de recursos. Essa limitação se reflete no grau de dificuldade para o sucesso dessas empresas e na necessidade de melhores capacitações e mais preparo da parte dos gestores.

Palavras-chave: Finanças Corporativas; Estrutura de Capital; Custo de Capital; Pequenas Empresas.

Corporate finance: the reality of the brazilian market with an emphasis on funding

ABSTRACT

This paper aims to analyze the reality of the Brazilian capital raising market from the perspective of corporate finance, emphasizing the challenges faced by micro, small, and medium-sized enterprises and serving as a bibliographic reference for new studies. The research was developed using a descriptive bibliographic methodology, addressing concepts of capital structure, cost of capital, investment decisions, and the influence of financial behavior on decision-making. It concludes that access to financing in Brazil is restricted for most small businesses, making equity capital and retained earnings the main sources of funding. This limitation is reflected in the degree of difficulty for these companies to succeed and in the need for better training and more prepared managers.

Keywords: Corporate Finance; Capital Structure; Cost of Capital; Small Business.

1. INTRODUÇÃO

A área de finanças é tão importante que encontramos diversos ensinamentos sobre esse assunto até mesmo na Bíblia, como a parábola dos dez talentos ensinada por Jesus Cristo (BÍBLIA SAGRADA, 2001, Mateus 25:14-30). Nessa parábola, um homem entrega três valores diferentes a três pessoas antes de viajar. Um recebe cinco talentos, outro dois e o terceiro apenas um. Considerando que um talento equivalia a 50 quilos de ouro e a cotação do ouro em 31/01/2024 era de R\$ 324,35 por grama (REAL365, 2024), os valores equivaleriam, respectivamente, a R\$ 81.087.500,00, R\$ 32.435.000,00 e R\$ 16.217.500,00.

Quando o investidor retorna, descobre que os dois primeiros dobraram seus



recursos, enquanto o terceiro, por medo de perder, enterrou o dinheiro e devolveu-o sem rendimento. O investidor, indignado, tira dele o talento e entrega ao que agora possui dez.

Essa parábola ilustra princípios atemporais de gestão financeira, revelando a importância da decisão, da análise e do uso responsável dos recursos. No contexto brasileiro, a maior parte das empresas — microempreendedores individuais (MEI), microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) — enfrenta limitações que vão além das enfrentadas pelo terceiro servo da parábola, por não dispor de capital suficiente para investir (BRASIL, 2023).

O gestor financeiro, portanto, precisa resolver paradigmas relacionados à origem e à aplicação dos recursos, às alternativas de investimento e à destinação dos resultados obtidos. Seu objetivo deve ser sempre tomar decisões que criem valor ao investidor, considerando risco, retorno e sustentabilidade.

No final da introdução, os objetivos do trabalho devem ser claramente delineados, de forma específica e mensurável. Caso deseje, é possível criar um subitem exclusivo para o objetivo. Além disso, é fundamental que sejam formulados de maneira alcançável, garantindo que o leitor compreenda completamente o escopo do estudo e o que será abordado e avaliado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria das finanças corporativas tem como base o princípio de que as decisões financeiras devem buscar a maximização do valor da empresa para os acionistas (ROSS; WESTERFIELD; JAFFE, 2013; ABREU FILHO et al., 2008). Essa maximização ocorre quando o gestor financeiro equilibra retorno e risco associados às decisões de investimento e financiamento. Para Gitman (2010), as decisões financeiras estão interligadas e influenciam diretamente o valor de mercado da empresa.

2.1 ESTRUTURA DE CAPITAL E CUSTO DE CAPITAL

A estrutura de capital é a combinação entre capital próprio e capital de terceiros que financia as atividades empresariais (MYERS, 2001). Modigliani e Miller (1958) afirmam que, em um mercado perfeito, o valor de uma empresa independe de sua estrutura de capital. Contudo, fatores como impostos, custos de falência e assimetrias de informação tornam essa estrutura relevante (JENSEN; MECKLING, 1976).

A análise econômico-financeira é uma ferramenta essencial para compreender o



impacto das decisões de financiamento sobre o desempenho da empresa e sua estrutura de capital (COSTA et al., 2011). Brigham e Ehrhardt (2017) explicam que o custo de capital representa o retorno mínimo exigido pelos investidores e credores, proporcional ao risco assumido. No Brasil, esse custo tende a ser elevado em empresas de pequeno porte devido à percepção de risco e à falta de garantias. Burkowski, Perobelli e Zanini (2009) mostram que mais de 36% das pequenas empresas não possuem crédito de terceiros, e nas que têm, o endividamento raramente ultrapassa 20% da estrutura de capital.

2.2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E TOMADA DE DECISÃO

As decisões financeiras são fortemente influenciadas por vieses cognitivos e emocionais. Kahneman e Tversky (1979) demonstraram que indivíduos tendem a evitar perdas, o que leva a decisões irracionais. No contexto brasileiro, Cerbasi (2013) ressalta que muitos investidores iniciam suas aplicações sem preparo, baseando-se em notícias de curto prazo.

O comportamento especulativo observado entre investidores brasileiros, especialmente no mercado de ações e operações de day trade, reforça a importância da educação financeira e do autoconhecimento para evitar decisões impulsivas (CHAGUE; GIOVANNETTI, 2020)

Silva (2021) destaca que a educação financeira é essencial para reduzir erros de julgamento e melhorar as decisões de investimento, especialmente entre micro e pequenos empresários.

2.3 FINANCIAMENTO E RESTRIÇÃO DE CRÉDITO

Cavalheiro, Vieira e Valcanover (2016) apontam que 81,1% das pequenas empresas brasileiras enfrentam dificuldades de financiamento, principalmente pela falta de garantias e histórico. O Sebrae (2023) confirma que o acesso ao crédito é uma das maiores barreiras ao crescimento.

Júnior e Melo (1999) observam que o padrão de financiamento das empresas brasileiras baseia-se em capital próprio e lucros retidos, característica comum entre pequenas empresas (BRASIL, 2023).

2.4 PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

Assaf Neto (2022) reforça que as finanças corporativas modernas não se limitam ao



lucro, mas incorporam transparência, governança e sustentabilidade. Jensen (2001) afirma que a criação de valor sustentável exige alinhamento entre objetivos financeiros e expectativas de longo prazo dos investidores, integrando investimento, financiamento e dividendos em um processo único de maximização do valor econômico agregado (EVA).

3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem bibliográfica e descritiva, baseando-se em autores clássicos e contemporâneos das finanças corporativas, além de dados secundários de instituições governamentais e acadêmicas. As fontes utilizadas incluem livros, artigos científicos, relatórios do governo (BRASIL, 2023) e publicações de entidades de apoio às micro e pequenas empresas, como o Sebrae (2023).

O método descritivo permitiu analisar as condições do mercado brasileiro e compreender as limitações financeiras enfrentadas por empresas de pequeno porte, associando os fundamentos teóricos à realidade prática da captação de recursos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise evidencia que, embora a teoria financeira defenda o equilíbrio entre capital próprio e de terceiros, as micro e pequenas empresas brasileiras dependem fortemente de recursos internos. Cavalheiro, Vieira e Valcanover (2016) mostram que o tamanho da empresa e a falta de garantias são os principais obstáculos ao crédito.

O custo de capital para essas empresas é elevado, e os benefícios fiscais do endividamento são praticamente inexistentes, já que a maioria é optante pelo Simples Nacional ou Lucro Presumido (BURKOWSKI; PEROBELLI; ZANINI, 2009).

A educação financeira se revela fator crucial. Segundo Cerbasi (2013), decisões emocionais e falta de preparo comprometem o desempenho financeiro, reforçando a necessidade de qualificação para evitar “mergulhos em águas rasas” (CASAROTTO FILHO; KOPITKE, 2010).

Além disso, a parábola dos talentos, quando interpretada sob a ótica moderna, representa a importância da coragem e da análise racional na gestão de recursos. O gestor que investe de forma calculada e prudente é recompensado, enquanto a omissão e o medo resultam em perda de valor — conceito análogo ao comportamento de risco e retorno nas finanças.



5. CONCLUSÃO

Conclui-se que a realidade financeira das empresas brasileiras é marcada por limitações estruturais, dificuldades de acesso a crédito e dependência do capital próprio. A aplicação prática dos princípios das finanças corporativas — aliando gestão eficiente, planejamento e educação financeira — é essencial para aumentar o valor das empresas e garantir sua sustentabilidade apesar da dificuldade que a restrição de acesso a créditos e recursos trazem para o crescimento e desenvolvimento dessas.

As micro e pequenas empresas precisam investir em capacitação gerencial e utilizar ferramentas de planejamento financeiro para reduzir riscos e ampliar oportunidades de captação. O fortalecimento da governança e o alinhamento entre finanças e estratégia empresarial são caminhos para um mercado mais competitivo e resiliente. Considerando o cenário atual, a falta de crédito aumenta os riscos e os riscos afastam os interesses dos investidores em um ciclo que talvez só possa ser quebrado por políticas de governo que possibilitem acessos a crédito, qualificação profissional e novas tecnologias que elevem a realidade atual para um novo patamar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos que contribuíram para viabilizar essa publicação.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, J. C. D.; SOUZA, C. P.; GONÇALVES, D. A.; CURY, M. V. Q. **Finanças corporativas**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. São Paulo: Atlas, 2022.

BÍBLIA SAGRADA: **Nova Versão Internacional** (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2001.

BRASIL. **Mapa de Empresas: Boletim do 3º Quadrimestre de 2023**. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas>. Acesso em: 1 nov. 2025

BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. **Administração financeira: teoria e prática**. 15. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

BURKOWSKI, É.; PEROBELLI, F. F.; ZANINI, A. **A identificação de preferências e atributos relacionados à estrutura de capital em pequenas empresas**. RAE Eletrônica, v. 8, n. 1, 2009.



CASAROTTO FILHO, N.; KOPITTKKE, B. H. **Análise de investimentos**. São Paulo: Atlas, 2010.

CAVALHEIRO, E. A.; VIEIRA, K. M.; VALCANOVER, V. M. **Estrutura de capital das micro e pequenas empresas gaúchas: uma análise dos relacionamentos bancários e fontes de financiamento**. Revista da Micro e Pequena Empresa, v. 10, n. 2, 2016.

CERBASI, G. **Investimentos inteligentes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

CHAGUE, F.; GIOVANNETTI, B. **É possível viver de day trade em ações?** Brazilian Review of Finance, v. 18, n. 3, 2020.

COSTA, L. G. T. A.; LIMEIRA, A. F. F.; GONÇALVES, H. D. M.; CARVALHO, U. T. D. C. **Análise econômico-financeira de empresas**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2010.

JENSEN, M. C. **Value maximization, stakeholder theory, and the corporate objective function**. Journal of Applied Corporate Finance, v. 14, n. 3, 2001.

JENSEN, M. C.; MECKLING, W. H. **Theory of the firm: Managerial behavior, agency costs, and ownership structure**. Journal of Financial Economics, v. 3, n. 4, 1976.

JÚNIOR, W. R.; MELO, G. M. **Padrão de financiamento das empresas privadas no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. **Prospect theory: an analysis of decision under risk**. Econometrica, v. 47, n. 2, 1979.

MODIGLIANI, F.; MILLER, M. H. **The cost of capital, corporation finance, and the theory of investment**. The American Economic Review, v. 48, n. 3, 1958.

MYERS, S. C. **Capital structure**. Journal of Economic Perspectives, v. 15, n. 2, 2001.

REAL365. **Preço atual do ouro**. Disponível em: <https://www.real365.com.br/Ouro>. Acesso em: 1 fev. 2024.

ROSS, S. A.; WESTERFIELD, R. W.; JAFFE, J. **Corporate finance**. 10. ed. New York: McGraw-Hill, 2013.

SEBRAE. **Pesquisa sobre acesso a crédito pelas micro e pequenas empresas no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>. Acesso em: 1 fev. 2024

SILVA, J. P. **Administração financeira das pequenas empresas**. São Paulo: Atlas, 2021.